

CORREIO CULTURAL

Vivian Ribeiro/Divulgação



Wilson foi autor de inúmeros sambas de sucesso

Show-homenagem ao bamba Wilson Moreira no Rival

O Teatro Rival Petrobras abre seu palco nesta quinta-feira (19), às 19h30, para um tributo ao saudoso cantor e compositor Wilson Moreira (1936-2018), autor de sambas memoráveis que os brasileiros não esquecem e que completaria 88 anos no último dia 12.

A homenagem terá uma roda de samba comandada pelo grupo As Herdeiras do Samba, composto por Geisa Ketti (filha de Zé Ketti), Eliane Duarte (filha de Mauro Duarte), Monica Trepte (filha de Casquinha) e Andréa Moreira (filha de Wilson), que vai lançar o livro "Salve essa Bondade", uma biografia afetiva do pai, com prefácio da escritora e pesquisadora Marília Trindade Barboza.

Vários convidados confirmados

Para cantar sucessos de Wilson – como "Candongueiro", "Coisa da Antiga", "Fidelidade Partidária", "Gostoso Veneno", "Goiabada Cascão", "Senhora Liberdade" (todas em parceria com Ney Lopes), "Judia de Mim" (com Zeca Pagodinho) e "Quintal do Céu" (com Jorge Aragão) – o grupo vai contar com vários convidados, entre os quais Tia Surica, Dorina, Bia Aparecida, Iracema Monteiro, Alan Monteiro, Tiãozinho da Mocidade, Marquinhos do Pandeiro, Zé Luiz do Império, Zilá Lima, Didu Nogueira, Giovana Basílio e Darcy Maravilha.

Teatro na Maré

O Entre Lugares Maré apresenta dois espetáculos gratuitos esta semana no Museu da Maré: "Incabada", montagem dos alunos veteranos do grupo; e "Tudo Fica Melhor Com Amigos", com adolescentes e adultos neurodivergentes e PCDs.

Teatro na Maré II

O projeto oferece ao longo do ano, de forma gratuita, uma variedade de aulas envolvendo corpo, dramaturgia, dança, canto, atuação e atividades de criação artística e técnicas na área teatral. As apresentações no Museu da Maré são gratuitas.



O cineasta Yves Goulart na Sala Grande Otelo durante o In-Edit Brasil, Festival Internacional do Documentário Musical

Filme amplia interesse pelo artista

Algumas dessas gravações podem ser encontradas em CDs e LPs à venda na Internet, e pouco a pouco, estão sendo republicadas no Spotify por importantes selos e gravadoras com os quais ele trabalhou durante a sua carreira. A circulação do filme "Aldo Baldin - Uma Vida pela Música" por festivais no Brasil e nos EUA (em Miami e NY) amplia o interesse pelo artista.

"Descendentes de imigrantes italianos, que colonizaram o sul de Santa Catarina, tinham o hábito de cantar na roça. Na família Baldin, não era diferente", conta Yves. "Quando criança, Aldo e as irmãs cantarolavam canções folclóricas e árias de ópera entre a casa e lavoura, conforme lembra, com nostalgia, a sua irmã Delfina Baldin, no filme. Baldin trazia na alma o espírito das músicas napolitanas, como 'O Sole mio'. Ao mesmo tempo que ele dominava os clássicos, gostava de cantar as músicas populares italianas, inclusive as brasileiras, como 'Azulão', de Manoel Bandeira e Jai-

me Ovalle, ou 'Ouve o Silêncio', de Santoro e Vinicius de Moraes".

Quando chegou à casa de Irene, em junho de 2012, para gravar entrevistas, o diretor ganhou da companheira de Aldo três fitas cassetes gravadas por seu finado marido, alguns dias antes de ele morrer. Nos K-7s, ele narra em primeira pessoa sua trajetória desde a infância, andando descalço com frio de zero grau para ir à escola primária. Nesses áudios, ele fala ainda de sua estreia na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA) e lembra sua chegada ao Rio de Janeiro, morando em uma pensão na Lapa, cantando em casamentos para sobreviver. Entre as recordações, estão a conquista de uma bolsa de estudos na Alemanha e a chance de cantar com grandes maestros, como Herbert von Karajan, no Vaticano, na Missa da Coroação de Mozart. Essa gravação serve de espinha dorsal ao filme.

"Também tive acesso a mais de vinte mil fotografias em papel e slides. Nas imagens, vemos a vida íntima de Aldo com a família, seus dias

da escola de canto, a interpretação de personagens na Deutsche Oper Berlin. São cerca de 40 fitas Beta de duas horas de duração cada, com gravações inéditas de Aldo cantando em casa, no piano, além de registros de concertos e de entrevistas das televisões alemãs", conta Yves, que também assina a delicadíssima montagem do longa. "Todo esse material, de mais de quatro mil horas, estava quase mofando, mas foi digitalizado em Berlim para ser usado no documentário, sem contar as 70 fitas cassetes gravadas nos concertos, que Aldo fazia questão de registrar ao vivo. Perguntei pra Irene o porquê de todas essas gravações e ela respondeu que era para o acervo dele e, principalmente, para estudos da sua própria técnica. No início, essa imensa quantidade de material me dava uma angústia de como contar a história de Aldo sem perder a essência de sua biografia. Irene foi essencial durante o processo de seleção do material utilizado no documentário e, além disso, ela assina a direção musical. Sem ela, o encaixe preciso das músicas na narrativa do filme não seria possível. Para cada momento ou situação no roteiro, a música entra como um fio condutor. Eu não queria fazer um documentário somente de cabeças falantes, mas, sim, utilizar as músicas cantadas por ele como elementos de narração da sua história. Por isso, eu chamo o filme de um documentário operístico".